

Capítulo 83 - DOI:10.55232/10830012.83

**O VOO DO PÁSSARO DE FOGO: A DUALIDADE DO IDEB
DO MUNICÍPIO DE CARIACICA-ES.**

Daniel Barboza Nascimento

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar os resultados obtidos pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) em relação à rede municipal de Cariacica/ES e, na sequência, em relação à rede estadual (fundamental e médio), sob a perspectiva de comparação entre a relação dos resultados escolares e as condições socioeconômicas e culturais referentes ao local em que a escola está inserida, bem como suas tensões e as questões necessárias aos desafios da política educacional. Para tanto, conta-se com o apoio teórico de Brooke e Soares (2008), Ravitch (2011), Freitas (2018) e Laval (2019), desdobrando com a análise do ranqueamento, meritocracia e avaliação em larga escala, o que exigiu a compreensão da gens e desenvolvimento e aplicação do Ideb.

Palavras-chave: Escola Pública; Política Educacional; Ideb; Avaliação em Larga Escala; Ranqueamento

Introdução

A convite da Comissão **Popular de Monitoramento do Programa Nacional de Enfrentamento à Criminalidade Violenta em Cariacica-ES**, nos foram colocados novos desafios: analisar os resultados do Ideb na cidade de Cariacica-ES para auxiliar no *estudo e intervenção dirigida* da Comissão, na temática *Educação e Violência*. Diante do desafio nos foram impostas novas questões ou as mesmas afloradas das análises dos resultados do Ideb na capital capixaba¹: o lugar² em que a escola se encontra, a sua comunidade local e escolar impõe o resultado do Ideb?

Não pretendemos discutir questões metodológicas ou os limites das avaliações em larga escala, ainda que, ao final, possamos refletir sobre o que aqui chamamos, provisoriamente, de *Limite Estrutural*³. No esforço de efetuar um olhar por dentro, dialogando com a lógica interna do Ideb, para assim, melhor compreender os seus resultados "pra fora", ou seja, o que ele quer esconder ou o que não pode revelar: a) estaria o Ideb apenas refletindo as diferenças sociais e, ou, b) em que medida o Ideb contribui para alimentar uma concorrência entre as escolas, entre os estudantes e famílias, dilatando as diferenças "escolares" e sociais? A questão a) pode sugerir uma condição passiva, a b), nos solicita atenção para processos internos que podem dialogar com situações externas.

Conversaremos com os "resultados" em nível municipal por escola e região (2005-2019). Em um segundo momento, a referência não mais será seu desempenho frente à Meta Municipal, passaremos à própria escola e sua meta própria, por região e em nível municipal. A primeira parte de nosso esforço repousa sobre a análise dos resultados dos anos iniciais (1º ao 5º) do Ensino Fundamental (EF) que aqui chamaremos de

¹ Expresso na pesquisa "**A ILHA E O ORNITORRINCO. A dualidade do Ideb do município de Vitória**", em que encontramos duas cidades e uma dualidade que nos impõe ação mais profunda sobre o sistema educacional e as avaliações em larga escala. A pesquisa tem origem nas provocações de minha pedagoga da EMEF "*Maria Leonor Pereira da Silva*", Rosalba Gazoni Lima Tovar, sobre os resultados do Ideb

² Em suas múltiplas dimensões socioeconômicas e culturais, expressando sempre tensões e movimentos.

³ O passo seguinte é observar que fatores (internos e externos) influenciam nos resultados apresentados. O que nos chama atenção é o que consideramos como a "*lógica do Ideb*": influencia o interior escolar e a rotina escolar. Isso acontece desde ações "isoladas" de pais e mães, passando por alunos até chegar aos professores e equipes pedagógicas e, não podemos esquecer, chega até as Secretarias de Educação (com ranqueamentos de escolas, estudantes e professores com tudo que há de horrível em tais práticas) e Governos (ver SAE/Governo Federal). Lembramos que em Vila Velha-ES, a Secretaria de Educação, deliberadamente, reduziu carga horária de Artes, Ed. Física, História e Geografia, aumentando Matemática e Português, bem como houve movimento de vereadores, com seus projetos mirabolantes (em Vitória, Vila Velha e outros), de estampar o Ideb na porta de entrada das UEs.

Fundamental 1 (F1). Em seguida, nos ocuparemos da análise dos resultados dos anos finais (6º ao 9º) do Fundamental 2 (F2). Em um terceiro momento, assumiremos o desafio de "comparar", com todo risco latente, os resultados do F1 e F2. Como se trata de uma temática, que em nosso entendimento não se restringe à rede municipal, em seguida faremos o mesmo procedimento em relação à oferta da rede estadual (fundamental e médio) para, depois, efetuarmos uma análise de conjunto e esperamos, ao final, podermos apresentar questões referentes aos desafios da política educacional, no geral e, em particular, à cidade de Cariacica. Diante dos limites do artigo, nos ocuparemos da apresentação e discussão dos resultados da rede municipal de Cariacica-ES.

Entendemos que a escola (em seus múltiplos e diversos movimentos) é maior do que qualquer número (índice) possa expressar e que o próprio número é uma fotografia (ou um congelamento) que precisa ser entendido como tal. O que realmente nos preocupa é a capacidade de um sistema que, se utilizando de “congelamentos” busca “orientar/determinar” o dinamismo próprio das escolas... de cada escola: essa capacidade é a intencionalidade escondida no que chamamos de lógica do Ideb.

1.1A visão de nossa floresta: o ponto de visão é a Meta Municipal (F1/F2):

Tabela 1 - Ideb - Resultados e Metas - Cariacica – Municipal, F1/F2 (2005-2019):

Emefs/Ideb da PMC	1º ao 5º – F1								6º ao 9º – F2							
	3.8	4.2	4.4	4.6	4.9	5.2	5.3	5.6	3.4	3.2	3.4	3.2	3.3	3.7	3.8	4.0
Agustinha M. de Oliveira	3.1	4.1	3.9	4.1	4.7	4.8	5.1	5.5								
Almerinda P. Colodette	3.3	3.7	3.6	4.3	3.9	4.3	4.0	4.6	3.3	3.2	2.5	3.6	3.6	4.0	*	3.1
Álvaro Armeloni	4.1	4.6	4.7	4.6	5.3	5.2	6.0	6.6								
Amenophis de Assis	4.4	3.8	4.3	5.2	4.4	5.7	6.1	5.0							5.3	4.2
Ângelo Zani		3.4	4.3	4.1	4.0	5.2		5.5	4.0	3.2	2.9	3.7	3.4	3.9	*	*
Antário Alexandre T. Filho								5.6	4.7	3.8	3.6	3.1	2.9	4.0	*	*
Antero J. do Nascimento	3.2	4.0	4.0	4.2	3.9	4.6	4.7	5.2	3.4	2.9	2.7	3.4	3.0	4.2	*	*
Antônio C. Oliveira	3.8	4.0	3.7	4.4	4.3	5.4	4.6	5.2								
Arthur da C. e Silva	2.7	3.3	3.9	3.6	3.6	4.1	4.4	*		2.6	2.9	2.4	2.6	3.1	2.9	*
Ayrton Senna	4.3	3.8	4.4	4.3	5.1	5.4	5.4	6.1	4.6	3.6	3.4	3.2	3.5	3.7	4.5	*
Cerqueira Lima	4.7	5.4	5.0				*	*		4.2	4.4	4.2	4.0	3.6	4.9	3.9
Cladiston Regis Barbosa	3.1	3.2	3.8	3.8	4.9	5.0	6.0	5.3								
Cleilza A. Vaz		4.1	4.3	4.5	5.0	5.1	5.9	6.3								
Deocleciano F. da Vitória		4.0	4.4	4.5	4.6	5.4	5.7	5.8		2.9					*	*
Elisa Leal Bezerra	3.5	4.1					*	*								
Eulalia Moreira	2.8	2.7	3.7			4.5	5.4	*	2.8	2.4	2.7	2.5	3.4	2.8	*	*
Eurides Gabriel	3.4	3.1	3.6	4.1	4.4	4.6	4.6	5.3	3.4	3.1	3.5	3.0	3.6	3.5	*	3.8
Euvira Benedita C. da Silva		4.0	3.9	4.2	3.9	4.8	5.0	5.6		3.8	3.4	2.9	2.6	4.2	*	3.3
Ferdinando Santório	4.3	5.2	5.6	5.6	6.7	6.9	6.5	6.7		2.0						
Hemogenia M. da Conceição	4.7	4.1	4.6	5.6	4.9	5.7	5.5	5.8								
Hilário V. da Silva	3.1	3.7	3.5	4.2	4.2	4.7		5.6	2.4	3.4	3.7	2.6	3.7	3.6	4.4	4.3
Hilda Scarpino	3.9		5.2	5.7	5.4	6.2	6.3	6.5								
Iracy Gobbi	4.0	4.3	4.8	4.9	4.9	5.8	5.6	6.2								
Joana M. da Silva	3.1	3.8	4.1	4.2	4.7	5.1	5.2	5.2		1.8						

**Pesquisas e Inovações em Ciências Humanas e Sociais: Produções Científicas
Multidisciplinares no Século XXI, Volume 2**

Joao P. da Silva									3.1	2.7	2.8	2.1	2.7	3.1	2.8	*
Jocarly G. Salles	4.1	4.9	5.1	5.8	5.8	6.3	6.2	7.0								
Jones dos S. Neves	3.1	4.0	5.1	5.8	5.5	6.1	6.0	*								
Jose Zacchi								5.2								
Laurinda P. do Nascimento	3.9	3.8	4.6	4.7	5.2	5.2	5.6	6.0		2.4						
Leonilda das G. Langa	3.4	4.0	4.7	4.8	4.3	5.0	*	6.2								
Luzbel Pretti	2.9	3.1	3.6	3.9	4.4	5.0	5.1	5.4	2.6	2.4	3.0	3.0	2.7	3.7	*	4.1
Manoel M. Sobrinho	4.9	5.0	5.6	5.5	5.5	6.1	5.7	6.2	4.6	4.3	4.3	3.9	4.6	4.1	4.7	*
Manoel P. Rocha					4.9	5.7	6.2	*								
Margarete C. Pereira														3.9	**	4.1
Maria A. Tavares	3.4	3.4	3.6	4.1			*	*	2.9	2.6	3.1	2.9	2.6	3.5	3.6	*
Maria G. de Castro		4.1	3.6	3.8	5.0	4.3	4.6	5.3		3.1	3.0	2.9	2.7	3.2	*	*
Maria Paiva	4.1	5.2	5.0	4.9	4.7	5.6		6.5								
Marilia R. Coutinho	4.1	4.6	4.2	4.7	4.6	5.2	4.9	6.0								
Martim Lutero	2.5	3.0	3.1	4.1	4.0	4.3	4.0	3.7	2.5	2.8	2.4	2.2	2.5	3.3	*	*
Nilton Gomes	4.7	4.8	5.2	5.5	6.0	6.0	6.0	6.6								
Noemia Costa de Lima								4.9								
Oliveira Castro	4.1	3.9	4.5	4.4	4.3	5.0		5.4	3.6	4.6	4.1	3.4	3.6	4.2	*	*
Olivino Rocha	3.6	4.4	4.1	5.2	5.3	5.1	5.2	6.2								
Orlando M de Lima	4.4	4.4	5.0	5.0	5.2	5.9	5.9	6.3								
Padre A. Lute	3.5	3.8	4.2	4.3	4.2	4.9	4.5	4.5							*	*
Padre Gabriel R. Maire	3.3	3.7	4.1	3.5	4.4	4.6	3.9	5.0	3.0	2.8	2.9	3.0	2.7	2.4	2.7	*
Pedro Venturim	4.6	5.0	4.9	5.2	5.6	5.2	6.5	6.8								
Presidente Medici	2.9	3.9	4.2	4.1	4.7	4.9	5.4	*								
Renascença	3.1	3.2	3.1	3.0	3.3	3.7	4.6	4.5	2.7	2.2	2.8	2.0	3.3	3.0	3.8	*
Rosa da Penha		4.8	4.8	4.9	5.5	6.0	5.6	5.6	3.9	4.2	4.3	4.0	4.5	4.0	4.5	*
São J. Chrisóstomo		3.4	4.2	4.2	4.9	5.2	5.1	*								
São Jorge	3.1	4.0	4.2	4.5	5.2	5.3	5.5	5.2								
Sebastião R. Sobrinho	4.8	4.7	5.6	4.9	5.2	5.3	5.4	5.7					4.1	4.3	4.4	*
Stélida Dias	4.8	5.0	4.9	5.7	6.1	5.9	5.7	6.7	3.9	3.6	4.1	4.8	3.9	4.7	*	5.3
Talma S. de Miranda								6.0	3.5	3.3	3.0	3.2	3.1		*	4.2
Tancredo de A. Neves	3.1	3.9	4.7	4.6	5.1	5.4	5.7	5.6	2.1	2.3						
Tania P. Leite				2.9	4.1			5.9								
Terfina R. Ferreira	3.3	3.9	3.4	4.6	4.4	4.3	*	*	2.8	2.9	2.6	3.4	3.4	3.3	*	*
Valdeci Cezário	4.2	4.6	5.0	5.1	5.5	5.1	5.9	5.6		2.5						
Valdici A. Baier			4.1	4.2	4.3	4.8	5.0	5.0					3.5	3.4	4.0	4.0
Vienna R. Guterres	3.4	4.1	4.7	4.9	5.3	5.7	5.9	6.1								
Virgílio F. Schwab	4.4	4.9	4.9	5.2	5.5	5.8	6.0	5.2							*	3.5

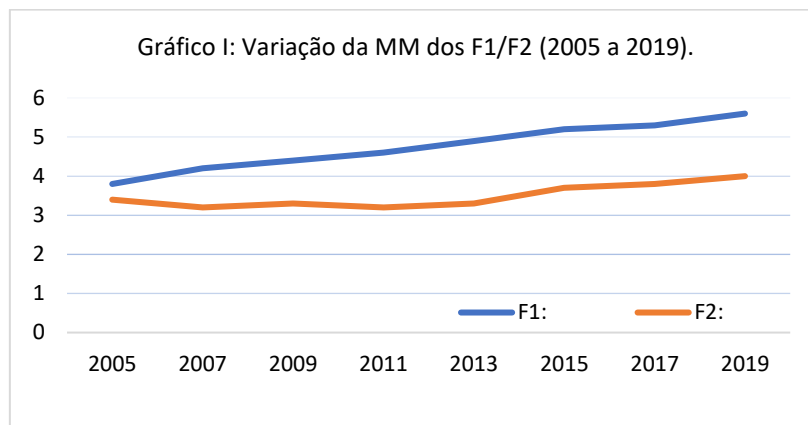
Nossa suspeita inicial é que o local, bairro ou região em que a escola se encontra "exerce" influência sobre o resultado. A sentença não é nova, e, bem expressa, em falas de outros tempos e que ainda se fazem presentes: *"aquela escola é primeiro lugar... olha a clientela em que ela se encontra"* e ou, *"os bairros pobres terão as escolas com resultados piores"*. Em que medida tais falas, ditas de senso comum, casam com a realidade? Assim, precisaremos observar se realmente isso ocorre e em que medida e se alguma escola *"escapa"* a tal premissa.

Na página do INEP, encontramos a planilha Ideb - Resultados e Metas - Cariacica – Municipal, assim construímos a Tabela I com os Resultados do Ideb (F1 e F2) onde está a apresentação da classificação das escolas. Esses dados pouco nos auxiliam para uma maior compreensão da realidade educacional. Procuraremos desvelar essa aparência

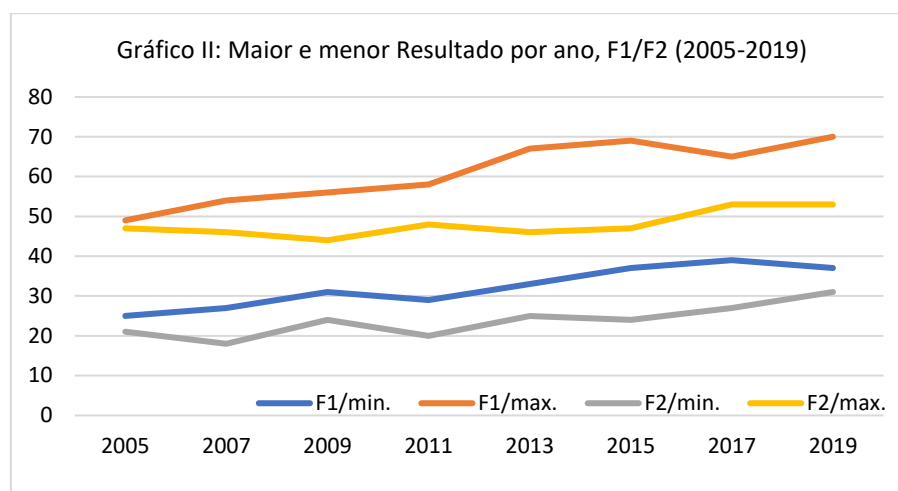
buscando relacionar os resultados com a região e bairro em que as escolas se encontram.

Inicialmente, destaca-se que a MM do F1 sai de 3.8 em 2005 e chega a 5.6 em 2019, apresentando um crescimento de 47,3% o que representa uma média de 2,25 ao ano. A evolução da MM do F2 sai de 3.4 em 2005 e chega a 4.0 em 2019, com um crescimento de 17,6%, ou seja, com uma média de 0,75 ao ano.

Ideb de Cariacica-ES / Ano	05	07	09	11	13	15	17	19
Resultados do Ideb – 1º ao 5º - F1	3.8	4.2	4.4	4.6	4.9	5.2	5.3	5.6
Resultados do Ideb – 6º ao 9º - F2	3.4	3.2	3.4	3.2	3.3	3.7	3.8	4.0



Podemos verificar o desempenho das escolas em seus resultados mínimos e máximos apresentados pelos F1 e F2 de 2005-19. Em relação ao Resultado *Mínimo* de Avaliação do F1, observamos aumento de 2.5 (2005) para 3.9 pontos em 2017 em queda para 3.9 em 2019. Sobre o Resultado *Máximo*: saímos de 4.9 (2005) para 7.0, em 2019, contudo, no ano de 2013, houve um salto para 6.7, com crescimento em 2015 (6.9) e apresenta uma queda em 2017. Quanto ao F2, primeiro teceremos considerações em relação à nota mínima que apresenta uma pequena variação (0.6) com enorme oscilação (21 – 3 + 6 – 4 + 5 – 1 + 3 + 4). Quanto ao resultado máximo, podemos dizer que conhece igual situação: pequena variação no intervalo e grande oscilação (47 – 1 – 2 + 4 – 2 + 3 + 6 + 0). Salta aos olhos a situação que ocorre entre 2005 e 2015. É como se ocorresse uma estagnação, pois começou em 4.7 e, passados 10 anos, continuou com os 4.7 (depois do sobe e desce). No ano de 2017, ocorreu um salto significativo, batendo os 5,3. E estagnando na edição seguinte do Ideb.



Como consequência do comportamento dos extremos (notas *mínima* e *máxima*), observamos que o intervalo no F1 sai de uma diferença de 2.4 (2005) e chega, 8 anos depois, em 3.4 pontos, encontramos seu ápice em 2013. Com queda em 2015 continuando em 2017, 32 e 26 de intervalos respectivamente (constante com pequenas variações). 2013 bate 2019 (3,3).

A Tabela 2 nos apresenta o percentual de escolas que atingem a Meta Municipal, as que ficam abaixo e acima da mesma. Em termos absolutos para o F1, o ano de 2007 apresenta o máximo de escolas abaixo da meta (32 escolas) e, proporcionalmente, fica para o mesmo ano o “pior” resultado (67,3). Do ponto de vista proporcional, a participação abaixo da meta das escolas tem uma contínua redução (o que é muito bom!) saindo de 67,3 (em 2007) para chegar em 39,1 (2017) e terminando em 42%.

Tabela 2: Posição em relação à MM: % na meta, acima e abaixo da meta, F1/F2 (2005-2019):

Ano:	Nº / escolas	< a meta		Meta			> a meta	
2005	F1: 46	24	52,1	1	2,1	3.8	21	45,6
	F2: 21	11	52,3	2	9,5	3.4	8	30
2007	F1: 52	35	67,3	0	0	4.2	17	32,6
	F2: 30	18	60	2	6,6	3.2	10	33,3
2009	F1: 53	28	55,8	2	3,7	4.4	23	46
	F2: 24	14	58,3	2	8,3	3.4	8	33,3
2011	F1: 53	27	50,9	3	5,6	4.6	23	43,3
	F2: 24	13	54,1	2	8,3	3.2	9	37,5
2013	F1: 51	24	47	5	9,8	4.9	22	43,1
	F2: 26	11	43,2	1	3,8	3.3	14	53,8
2015	F1: 52	24	46,1	6	11,5	5.2	22	42,3
	F2: 26	13	50	2	7,6	3.7	11	42,3
2017	F1: 46	18	39,1	0	0	5.3	28	60,8
	F2: 13	4	30,7	1	7,6	3.8	8	61,5
2019	F1: 50	21	42	6	12	5.6	23	46
	F2: 12	5	41,6	1	8,3	4.0	6	50

Vejamos o desempenho do F2. Em termos absolutos, o ano de 2007 tem o máximo de escolas abaixo da meta (18 UEs) e, proporcionalmente, 60%. Entre os anos de 2013 e 2017, a quantidade das escolas que ficam abaixo da MM é inferior a 50%. Já nos anos de 2013, 2017 e 2019), se forem somadas as escolas que ficaram na meta, percebemos que menos de 50% das mesmas atingiram ou ficaram abaixo. Na outra ponta, temos os anos de 2005 a 2011, o número de UEs que ficam abaixo da MM é superior a 50% e, se agregarmos as que ficaram na Meta, em todos esses anos, teremos percentuais iguais e ou bem superiores a 60%.

As escolas acima da Meta (F1) saem de 45,6 em 2005 e batem os 60,8% (2017, melhor resultado) e encontram o pior resultado em 2007, com 32,6%. Entre os anos de 2009 e 2015, ficar acima da Meta conheceu uma certa estabilidade (46, 43,3, 43,1 e 42,3%) para os referidos anos. Em relação ao F2, não observamos uma movimentação significativa nos anos de 2005-2011, ou seja, sai de 30 e chega a 37,5. Subiu em 2013 e recuou em 2015 e encontra o maior índice da série em 2017 com 61,5%.

1.2 Meta Municipal e a Meta Própria por escolas e região (pequenos bosques) F1 e F2:

A Tabela 3 tem a ousadia de relacionar os resultados aprontados pelas UEs da PMC com as suas respectivas regiões, tendo como referência tanto a Meta Municipal (MM) como sua Meta Própria (MP). Deixamos também para consulta a meta projetada da cidade e das respectivas escolas o que permite uma análise singular, bem como o desempenho por ano e região.

Tabela 3 - Resultados do Ideb por UE e região – Meta Municipal (MM) e em relação à Meta Projetada por escola e região – F1/F2 (2005-2019):

Escolas		Ideb Observado								Metas projetadas						M	
Ideb do Município de Cariacica (IMC)		3.8	4.2	4.4	4.6	4.9	5.2	5.3	5.3	3.9	4.2	4.7	4.9	5.2	5.5	5.8	F1
		3.4	3.2	3.3	3.2	3.3	3.7	3.8	4.0	3.4	3.6	3.8	4.2	4.6	4.9	5.1	F2
Região 01 - Porto Santana		05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Antônio C. de Oliveira	Retiro Saudoso	3.8	<u>4.0</u>	3.7	4.4	4.3	<u>5.4</u>	4.6	5.2	3.8	4.2	4.6	4.9	5.1	5.4	5.7	F1
Arthur da C. e Silva	Aparecida	2.7	<u>3.3</u>	<u>3.9</u>	<u>3.6</u>	3.6	<u>4.1</u>	<u>4.4</u>	*	2.8	3.1	3.5	3.8	4.1	4.4	4.7	F1
			2.6	<u>2.9</u>	2.4	2.6	3.1	2.9	*		2.7	2.9	3.2	3.6	3.8	4.1	F2

**Pesquisas e Inovações em Ciências Humanas e Sociais: Produções Científicas
Multidisciplinares no Século XXI, Volume 2**

Hilda Scarpino /Pres. Médici	Porto Novo	3.9		<u>5.2</u>	<u>5.7</u>	<u>5.4</u>	<u>6.2</u>	<u>6.3</u>	<u>6.5</u>	4.0	4.3	4.8	5.0	5.3	5.6	5.9	F1
João P. da Silva	Porto de Santana	3.1	2.7	2.8	2.1	2.7	3.1	2.8	*	3.1	3.2	3.5	3.9	4.3	4.6	4.8	F2
Martim Lutero	Flexal II	2.5	<u>3.0</u>	3.1	<u>4.1</u>	<u>4.0</u>	<u>4.3</u>	4.0	3.7	2.6	2.9	3.3	3.6	3.9	4.2	4.5	F1
		2.5	<u>2.8</u>	2.4	2.2	2.5	3.3		*	2.6	2.8	3.1	3.6	4.0	4.2	4.5	F2
Padre Gabriel R Maire	Porto Novo	3.3	<u>3.7</u>	<u>4.1</u>	3.5	<u>4.4</u>	4.6	3.9	5.0	3.3	3.7	4.1	4.4	4.7	5.0	5.3	F1
		3.0	2.8	2.9	3.0	2.7	2.4	2.7	*	3.0	3.2	3.4	3.8	4.2	4.5	4.7	F2
	MM	F1	2	0	1	1	1	2	1	1	Resultados em:						
		F2	0	0	0	0	0	0	0	0	Negrito = Atinge meta municipal						
	MP	F1		4	3	3	3	4	2	0	Sublinhado = Atinge própria meta						
		F2		1	1	0	0	0	0	0							
Região 2 - Santana		05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Agustinha M. de Oliveira	Vila Prudêncio	3.1	<u>4.1</u>	<u>3.9</u>	<u>4.1</u>	<u>4.7</u>	<u>4.8</u>	<u>5.1</u>	<u>5.5</u>	3.2	3.5	3.9	4.2	4.5	4.8	5.1	F1
Laurinda P. Nascimento	Vila Graúna	3.9	3.8	<u>4.6</u>	<u>4.7</u>	<u>5.2</u>	<u>5.2</u>	<u>5.6</u>	<u>6.0</u>	3.9	4.3	4.7	5.0	5.2	5.5	5.8	F1
			2.4						*		2.5	2.7	3.0	3.3	3.6	3.8	F2
Maria G. de Castro	Campo Verde		4.1	3.6	3.8	<u>5.0</u>	4.3	4.6	<u>5.3</u>		4.3	4.6	4.9	5.1	5.4	5.7	F1
			3.1	3.0	2.9	2.7	3.2		*		3.2	3.4	3.7	4.1	4.3	4.6	F2
Vienna R. Guterres	Santana	3.4	<u>4.1</u>	<u>4.7</u>	<u>4.9</u>	<u>5.3</u>	<u>5.7</u>	<u>5.9</u>	<u>6.1</u>	3.5	3.8	4.2	4.5	4.8	5.1	5.4	F1
	MM	F1	1	0	2	2	3	2	2	3							
		F2	0	0	0	0	0	0	0	0							
	MP	F1		2	3	3	4	3	3	3							
		F2		0	0	0	0	0	0	0							
Região 3 - Itacibá		05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Álvaro Armeloni	Oriente	<u>4.1</u>	<u>4.6</u>	<u>4.7</u>	<u>4.6</u>	<u>5.3</u>	<u>5.2</u>	<u>6.0</u>	<u>6.6</u>	4.1	4.5	4.9	5.2	5.4	5.7	6.0	F1
Leonilda das G. Langa	Nova Valverde	3.4	<u>4.0</u>	<u>4.7</u>	<u>4.8</u>	4.3	<u>5.0</u>	*	6.2	3.5	3.8	4.2	4.5	4.8	5.1	5.4	F1
Terfina R. Ferreira	Itacibá	3.3	<u>3.9</u>	3.4	<u>4.6</u>	<u>4.4</u>	4.3	*	*	3.4	3.7	4.2	4.4	4.7	5.0	5.3	F1
		2.8	<u>2.9</u>	2.6	<u>3.4</u>	<u>3.4</u>	3.3	*	*	2.8	3.0	3.2	3.6	4.0	4.3	4.5	F2
	MM	F1	1	1	2	3	1	1	1	1							
		F2	0	0	0	1	1	0	0	0							
	MP	F1		3	2	2	2	1	0	0							
		F2		1	0	1	1	0	0	0							
Região 4 - Campo Grande		05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Antário Alexandre T. Filho	Campo Grande								<u>5.6</u>								
		<u>4.7</u>	<u>3.8</u>	<u>3.6</u>	3.1	2.9	<u>4.0</u>		*	4.8	4.9	5.2	5.5	5.9	6.1	6.3	F2
Ferdinando Santório	Vila Capixaba	<u>4.3</u>	<u>5.2</u>	<u>5.6</u>	<u>5.6</u>	<u>6.7</u>	<u>6.9</u>	<u>6.5</u>	<u>6.7</u>	4.4	4.7	5.1	5.4	5.7	5.9	6.2	F1
			2.0						*		2.1	2.3	2.6	3.0	3.2	3.5	F2
Manoel M. Sobrinho	Vila Palestina	<u>4.9</u>	<u>5.0</u>	<u>5.6</u>	<u>5.5</u>	<u>5.5</u>	<u>6.1</u>	<u>5.7</u>	<u>6.2</u>	5.0	5.3	5.7	6.0	6.2	6.4	6.7	F1
		<u>4.6</u>	<u>4.3</u>	<u>4.3</u>	<u>3.9</u>	<u>4.6</u>	<u>4.1</u>	<u>4.7</u>	*	4.6	4.8	5.0	5.4	5.8	6.0	6.2	F2

**Pesquisas e Inovações em Ciências Humanas e Sociais: Produções Científicas
Multidisciplinares no Século XXI, Volume 2**

Maria Paiva	São Geraldo	4.1	<u>5.2</u>	<u>5.0</u>	<u>4.9</u>	4.7	<u>5.6</u>		<u>6.5</u>	4.2	4.5	4.9	5.2	5.5	5.7	6.0	F1
Marília de R Coutinho	Santa Cecília	4.1	<u>4.6</u>	4.2	4.7	4.6	5.2	4.9	<u>6.0</u>	4.1	4.5	4.9	5.1	5.4	5.7	6.0	F1
Nilton Gomes	Cruzeiro do Sul	4.7	<u>4.8</u>	<u>5.2</u>	<u>5.5</u>	<u>6.0</u>	<u>6.0</u>	<u>6.0</u>	<u>6.6</u>	4.7	5.1	5.5	5.7	6.0	6.2	6.5	F1
Stélida Dias	Campo Grande	4.8	<u>5.0</u>	<u>4.9</u>	<u>5.7</u>	<u>6.1</u>	<u>5.9</u>	<u>5.7</u>	<u>6.7</u>	4.9	5.2	5.6	5.9	6.1	6.3	6.6	F1
		3.9	3.6	<u>4.1</u>	<u>4.8</u>	3.9	4.7		<u>5.3</u>	3.9	4.1	4.3	4.7	5.1	5.3	5.6	F2
Talma S. de Miranda	Campo Grande	3.5	3.3	3.0	3.2	3.1			<u>4.2</u>	3.5	3.7	3.9	4.3	4.7	5.0	5.2	F2
	MM	F1	6	6	5	6	4	6	4	6							
		F2	4	4	3	3	2	3	1	2							
	MP	F1	-	5	4	4	3	3	1	5							
		F2		0	1	0	0	0	0	0							
Região 5 - Itaquiari		05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Iracy Gobbi	Expedito	4.0	<u>4.3</u>	<u>4.8</u>	<u>4.9</u>	4.9	<u>5.8</u>	<u>5.6</u>	<u>6.2</u>	4.0	4.4	4.8	5.1	5.3	5.6	5.9	F1
Jocarly G. Salles	Alto Lage	4.1	<u>4.9</u>	<u>5.1</u>	<u>5.8</u>	<u>5.8</u>	<u>6.3</u>	<u>6.2</u>	<u>7.0</u>	4.2	4.6	5.0	5.2	5.5	5.8	6.0	F1
Oliveira Castro	Itaquiari	4.1	3.9	<u>4.5</u>	4.4	4.3	5.0	*	5.4	4.2	4.6	5.0	5.2	5.5	5.8	6.0	F1
		3.6	<u>4.6</u>	<u>4.1</u>	3.4	3.6	4.2		*	3.6	3.8	4.0	4.4	4.8	5.1	5.3	F2
	MM	F1	3	2	1	2	2	0	0	2							
		F2	1	1	1	1	1	1	1	0							
	MP	F1		2	2	2	1	2	2	2							
		F2		1	1	0	0	0	0	0							
Região 6 - Jardim América		05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Amenóphis de Assis	Vale Esperança	4.4	3.8	4.3	<u>5.2</u>	4.4	<u>5.7</u>	<u>6.1</u>	<u>5.0</u>	4.5	4.8	5.2	5.5	5.7	6.0	6.2	F1
									<u>5.3</u>	4.2							5.5
Ayrton Senna	Vista Mar	4.3	3.8	4.4	4.3	5.1	5.4	5.4	<u>6.1</u>	4.3	4.7	5.1	5.3	5.6	5.9	6.1	F1
		4.6	3.6	3.4	3.2	3.5	3.7	4.5	**	4.6	4.8	5.0	5.4	5.8	6.0	6.2	F2
Jones dos S. Neves	Boa Sorte	3.1	<u>4.0</u>	<u>5.1</u>	<u>5.8</u>	<u>5.5</u>	<u>6.1</u>	<u>6.0</u>	*	3.2	3.5	3.9	4.2	4.5	4.8	5.1	F1
Cerqueira Lima ⁴	Jardim América	4.7	<u>5.4</u>	<u>5.0</u>					**	4.8	5.1	5.5	5.8	6.0	6.3	6.5	F1
			<u>4.2</u>	<u>4.4</u>	<u>4.2</u>	4.0	3.6	4.9	3.9		4.3	4.5	4.9	5.2	5.4	5.7	F2
	MM	F1	3	1	3	2	2	3	3	2							
		F2	1	2	2	2	2	1	3	0							
	MP	F1		2	1	2	1	2	2	1							
		F2		0	1	0	0	0	0	0							
Região 7 - Caçaroca⁵		05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Joana M. da Silva	Castelo Branco	3.1	<u>3.8</u>	<u>4.1</u>	<u>4.2</u>	<u>4.7</u>	<u>5.1</u>	<u>5.2</u>	<u>5.2</u>	3.2	3.5	4.0	4.2	4.5	4.8	5.1	F1
			1.8						*		2.1	2.4	2.9	3.3	3.5	3.8	F2
Maria A. Tavares	J. Botânico	3.4	3.4	3.6	4.1				*	3.5	3.8	4.2	4.5	4.8	5.1	5.4	F1

⁴ A Emef Cerqueira Lima, a partir de 2011, passa a oferecer apenas de 6º ao 9º ano.

⁵ A partir de 2013, a Emef Maria Augusta Tavares passa a oferecer apenas de 6º ao 9º ano.

**Pesquisas e Inovações em Ciências Humanas e Sociais: Produções Científicas
Multidisciplinares no Século XXI, Volume 2**

			2.9	2.6	<u>3.1</u>	2.9	2.6	3.5	3.6	*	2.9	3.0	3.3	3.7	4.1	4.3	4.6	F2
São J. Chrisóstomo	Liberdade/J. Bot.		3.4	<u>4.2</u>	<u>4.2</u>	<u>4.9</u>	<u>5.2</u>	<u>5.1</u>	*		3.6	3.9	4.2	4.5	4.8	5.1		F1
Cladiston Regis Barbosa			3.1	3.2	3.8	3.8	4.9	5.0	6.0	5.3								F1
São Jorge	Rio Marinho		3.1	<u>4.0</u>	<u>4.2</u>	<u>4.5</u>	<u>5.2</u>	<u>5.3</u>	<u>5.5</u>	<u>5.2</u>	3.1	3.5	3.9	4.2	4.5	4.8	5.1	F1
	MM	F1	0	0	0	0	2	2	1	0								
		F2	0	0	0	0	0	0	0	0								
	MP	F1	-	2	3	3	3	3	3	2								
		F2		0	1	0	0	0	0	0								
Região 8 - Nova R da Penha			05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Almerinda Portela Colodette	Vila Progresso		3.3	<u>3.7</u>	3.6	<u>4.3</u>	3.9	4.3	4.0	4.6	3.4	3.7	4.1	4.4	4.7	5.0	5.3	F1
			3.3	3.2	2.5	3.6	3.6	4.0		3.1	3.3	3.4	3.7	4.1	4.5	4.8	5.0	F2
Padre A. Lute	Nova Esperança		3.5	<u>3.8</u>	<u>4.2</u>	<u>4.3</u>	4.2	<u>4.9</u>	4.5	4.5	3.6	3.9	4.3	4.6	4.9	5.2	5.5	F1
Tânia P. Leite	Vila Cajueiro					2.9	<u>4.1</u>		*	<u>5.9</u>				3.2	3.5	3.8	4.1	F1
	MM	F1	0	0	0	0	0	1	0	1								
		F2	0	1	0	1	1	1	0	0								
	MP	F1		2	2	2	0	1	0	1								
		F2		0	0	0	0	0	0	0								
Região 9 - Cariacica Sede			05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Cleilza Amaral Vaz	Vila Merlo		4.1	<u>4.3</u>	4.5	<u>5.0</u>	5.1	<u>5.9</u>	<u>6.3</u>		4.3	4.6	4.9	5.2	5.5	5.7	F1	
Olivino Rocha	São João Batista		3.6	<u>4.4</u>	<u>4.1</u>	<u>5.2</u>	<u>5.3</u>	<u>5.1</u>	5.2	<u>6.2</u>	3.7	4.0	4.4	4.7	5.0	5.3	5.6	F1
Valdici A. Baier	Areinha				4.1	4.2	4.3	4.8	5.0	5.0			4.4	4.7	5.0	5.3	5.6	F1
						<u>3.5</u>	3.4	<u>4.0</u>	<u>4.0</u>						3.7	4.0	4.3	F2
Virgílio F. Schwab	Porto Belo II		<u>4.4</u>	<u>4.9</u>	<u>4.9</u>	<u>5.2</u>	<u>5.5</u>	<u>5.8</u>	<u>6.0</u>	5.2	4.5	4.8	5.2	5.5	5.7	6.0	6.2	F1
	MM	F1	0	2	2	2	2	1	1	2								
		F2	0	0	0	0	1	0	1	0								
	MP	F1		2	3	2	3	2	2	2								
		F2		0	0	0	1	0	1	0								
Região 10 - Operário			05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Ângelo Zani	Mucuri			3.4	<u>4.3</u>	<u>4.1</u>	4.0	<u>5.2</u>		<u>5.5</u>		3.6	3.9	4.2	4.5	4.8	5.1	F1
			4.0	3.2	2.9	3.7	3.4	3.9		*	4.0	4.2	4.4	4.8	5.2	5.4	5.7	F2
Antero J. do Nascimento	Vale dos Reis		3.2	<u>4.0</u>	<u>4.0</u>	<u>4.2</u>	3.9	<u>4.6</u>	4.7	<u>5.2</u>	3.3	3.6	4.0	4.3	4.6	4.9	5.2	F1
			3.4	2.9	2.7	3.4	3.0	4.2		*	3.4	3.5	3.8	4.2	4.6	4.9	5.1	F2
Deocleciano F. da Vitória	Vista Dourada		4.0	<u>4.4</u>	<u>4.5</u>	4.6	<u>5.4</u>	<u>5.7</u>	<u>5.8</u>			4.2	4.5	4.8	5.1	5.3	5.6	F1
			2.9							*		3.0	3.2	3.5	3.9	4.1	4.4	F2
Euvira Benedita C. da Silva	Novo Brasil		4.0	3.9	4.2	3.9	4.8	5.0	5.6			4.2	4.6	4.9	5.1	5.4	5.7	F1
			3.8	3.4	2.9	2.6	4.2		3.3			3.9	4.1	4.5	4.8	5.0	5.3	F2
Hemogênia M ^ª da	Piranema		4.7	4.1	4.6	<u>5.6</u>	4.9	5.7	5.5	5.8	4.8	5.1	5.5	5.7	6.0	6.2	6.5	F1

**Pesquisas e Inovações em Ciências Humanas e Sociais: Produções Científicas
Multidisciplinares no Século XXI, Volume 2**

Conceição																		
Luzbel Pretti	Operário		2.9	<u>3.1</u>	<u>3.6</u>	<u>3.9</u>	<u>4.4</u>	<u>5.0</u>	<u>5.1</u>	<u>5.4</u>	3.0	3.3	3.8	4.0	4.3	4.6	4.9	F1
			2.6	2.4	<u>3.0</u>	<u>3.0</u>	2.7	3.7		4.1		2.6	2.7	3.0	3.4	3.8	4.0	4.3
	MM	F1	1	0	2	1	1	3	2	5								
		F2	2	2	1	2	1	4	0	1								
	MP	F1		2	4	5	1	4	2	4								
		F2		0	1	1	0	0	0	0								
Região 11 - Padre Gabriel			05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Eurides Gabriel	Campo Belo		3.4	3.1	<u>3.6</u>	4.1	4.4	4.6	4.6	5.3	3.5	3.8	4.2	4.5	4.8	5.1	5.4	F1
			3.4	3.1	3.5	3.0	3.6	3.5	*	3.8	3.4	3.6	3.8	4.2	4.6	4.9	5.1	F2
Orlando M. Lima	Itapemirim		4.4	4.4	<u>5.0</u>	5.0	5.2	<u>5.9</u>	5.9		4.5	4.8	5.2	5.5	5.7	6.0	6.2	F1
Pedro Venturim	Rosa da Penha		4.6	<u>5.0</u>	4.9	5.2	5.6	5.2	<u>6.5</u>	<u>6.8</u>	4.7	5.0	5.4	5.7	5.9	6.2	6.4	F1
Rosa da Penha	Rosa da Penha			4.8	4.8	4.9	5.5	<u>6.0</u>	5.6	5.6		5.0	5.3	5.6	5.8	6.1	6.3	F1
			3.9	<u>4.2</u>	<u>4.4</u>	4.2	4.3	4.0	4.5	*	3.9	4.0	4.3	4.7	5.1	5.3	5.6	F2
	MM	F1	2	3	3	3	3	3	3	3								
		F2	2	1	2	1	2	1	1	0								
	MP	F1		1	1	0	0	2	1	1								
		F2		1	1	0	0	0	0	0								
Região 12 - Santa Bárbara			05	07	09	11	13	15	17	19	07	09	11	13	15	17	19	
Hilário V. da Silva	Jardim C. Grande		3.1	<u>3.7</u>	<u>3.5</u>	<u>4.2</u>	<u>4.2</u>	<u>4.7</u>		<u>5.6</u>	3.1	3.5	3.9	4.2	4.5	4.8	5.1	F1
			2.4	3.4	3.7	2.6	3.7	3.6	4.4	4.3	2.5	2.8	3.2	3.7	4.2	4.4	4.7	F2
Renascer	Pe. Gabriel Maire		3.1	<u>3.2</u>	3.1	3.0	3.3	3.7	4.6	4.5	3.1	3.5	3.9	4.2	4.4	4.7	5.0	F1
			2.7	2.2	2.8	2.0	3.3	3.0	3.8	*	2.7	2.9	3.1	3.5	3.9	4.2	4.4	F2
Sebastião R. Sobrinho	Flor do Campo		4.8	4.7	<u>5.6</u>	4.9	5.2	5.3	5.4	5.7	4.8	5.2	5.5	5.8	6.1	6.3	6.5	F1
						4.1	<u>4.3</u>	4.4	*						4.3	4.6	4.8	F2
Tancredo de A. Neves	Santa Bárbara		3.1	<u>3.9</u>	4.7	4.6	5.1	5.4	5.7	5.6	3.2	3.5	3.9	4.2	4.5	4.8	5.1	F1
			2.1	<u>2.3</u>						*	2.2	2.4	2.8	3.2	3.7	3.9	4.2	F2
Valdeci Cezário	Vila Rica		4.2	<u>4.6</u>	<u>5.0</u>	<u>5.1</u>	<u>5.5</u>	5.1	<u>5.9</u>	5.6	4.2	4.6	5.0	5.3	5.5	5.8	6.1	F1
				2.5						*		2.6	2.8	3.1	3.5	3.7	4.0	F2
	MM	F1	1	2	3	3	3	2	3	4								
		F2	0	1	1	0	3	1	3	1								
	MP	F1		5	4	3	3	2	2	2								
		F2		2	1	0	1	1	1	0								

A Tabela acima é fundamental para análise, pois de cada 04 Emef da PMC com oferta do F1 das regiões (2, 7 e 9) as famílias terão que escolher uma, ou seja, 25%. O mesmo não é diferente para as outras regiões (3, 5 e 8) onde as escolhas ficam de 3 para uma (33,3%). Nas regiões 6, 11 e 12, a relação cai de 2 para 1 (50%). Além do fato da

Tabela nos fortalecer na percepção do desempenho por região, Meta Municipal (MM) e Meta Própria (MP) e por ano abordando o F1/F2, no período de 2005-2019. Tendo como base o resultado (Tabela 3) das escolas em relação ao Ideb municipal (MM) e a sua Meta Própria com relação à região, buscaremos a compreensão (ver Tabela 4) do desempenho das UEs em relação às metas do Ideb do município e da própria escola (por região).

Tabela 4: Desempenho por região da MM X MP, F1/F2 (2005-2019):

Ideb		SMM %		SMP %		Ideb		SMM %		SMP %	
R1	F1	9/29	23,68	15/15	50	R7	F1	5/22	18,51	15/3	83,33
	F2	0/26	0	9/14	39,13		F2	0/8	0	1/16	5,88
R2	F1	15/16	48,38	21/07	75	R8	F1	2/17	10,52	8/9	47,05
	F2	0/6	0	0/4	0		F2	4/3	57,14	0/6	0
R3	F1	11/9	55	9/7	56,25	R9	F1	14/15	48,27	16/9	64
	F2	2/4	33,33	3/2	60		F2	2/2	50	2/2	50
R4	F1	44/5	89,79	26/16	61,9	R10	F1	15/29	34,09	21/16	56,75
	F2	22/5	81,48	16/6	27,27		F2	13/13	50	2/20	9,09
R5	F1	16/5	76,19	13/7	65	R11	F1	23/7	74,19	6/20	23,07
	F2	6/0	100	2/3	40		F2	10/4	71,42	2/10	16,66
R6	F1	19/7	73,07	11/11	50	R12	F1	21/18	53,84	20/19	51,28
	F2	13/3	81,25	1/13	7,14		F2	10/11	47,61	6/11	35,29

Legenda: SMM = situação das escolas em relação à Meta do Município;
SMP = situação das escolas em relação à Meta Própria de cada unidade.

Ao analisarmos o desempenho das escolas do F1 e do F2 que atingiram a MM por região, teremos uma enorme disparidade: No caso do F1, na Região 1 e 2, nenhuma escola, em nenhum ano, conseguiu alcançar a MM (aproveitamento de 0%), enquanto que em outra região (4) conseguiu perto de 90% (89,7) e a 5 e 11, com mais de 70% de aproveitamento. Para o F2, as regiões 2 e 7, nenhuma escola, em nenhum ano, conseguiu alcançar a Meta Municipal, enquanto que outras (regiões 4, 5 e 6) conseguiram 81,4, 100 e 81,2 respectivamente e um pouco mais baixi0, com 71,4, a R11. Eis a situação dos extremos. Em relação ao miolo, podemos registrar que, para o F1, as regiões 1, 7 e 8 tiveram menos de 25% de aproveitamento em relação à MM. Para o F2, se formos olhar o primeiro tercil, poderíamos acrescentar, além das já citadas, no primeiro quartil a Região 3 (com exatos 33,3%).

Em relação ao fato de se atingir a MP por região, encontramos igual disparidade tanto no F1 quanto no F2: para o primeiro, as regiões 2 e 11, observa-se que nenhuma escola, em nenhum ano, conseguiu alcançar a MP (aproveitamento de 0%), enquanto que a região 7 consegue mais de 83,33% e, para o segundo, o melhor desempenho por região

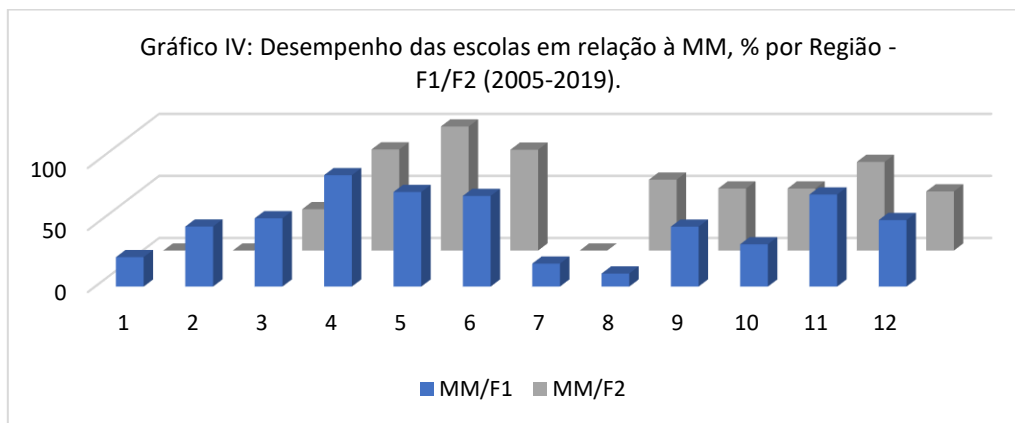
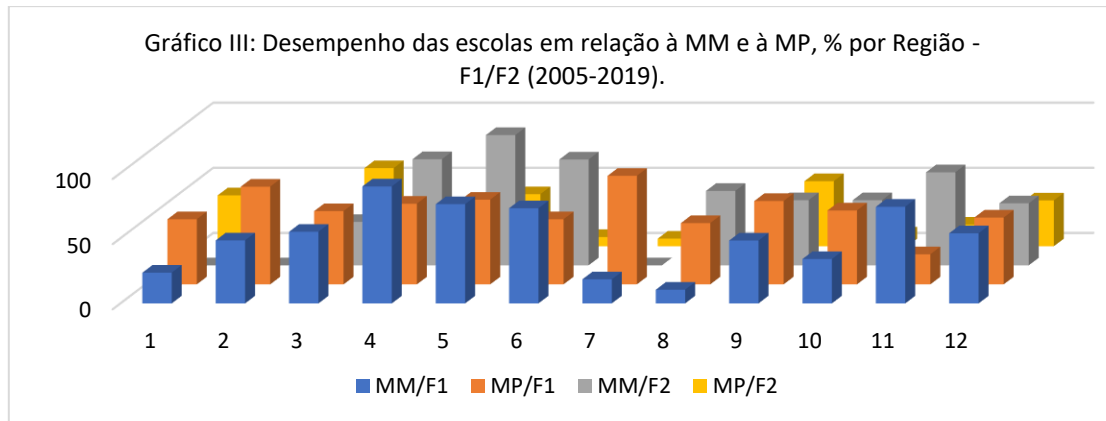
é de 60%, o que é realmente preocupante. As regiões 2 e 8 ficaram com um aproveitamento de 0%, ou seja, nenhuma escola, em nenhum ano, conseguiu atingir a Meta Própria. Com aproveitamento inferior a 10%, temos as regiões 6, 7 e 10, com 7,1, 5,8 e 9%. Ainda, em movimento crescente, temos com 16,6% a região 11. Sobre a condição de se atingir a MP das escolas que oferecem o F1, verificamos três grupos bem distintos: as regiões com aproveitamento inferior a 33,3% e alguns bem perto de zero, os até 66.6 % e, os poucos, que conseguiram ficar acima.

Das 12 regiões⁶, 7 (sete) delas tiveram resultados de desempenho menor na MP do que na MM, 1 (uma) muito próximas empate e 4 (quatro) com larga vantagem para MM, ou seja, essa situação sugere que, para a oferta do F1, foi mais difícil conseguir a Meta Municipal do que a Meta Própria, ainda que essa situação fale de diferentes lugares da cidade. Essa situação se inverte para o F2, nas 12 regiões, 7 (sete) delas tiveram resultados de desempenho menor na MP do que na MM, dois empates apenas 3 (três) regiões tiveram resultados de desempenho menor na MM do que na MP sugerindo que, para a oferta do F2 da PMC, foi mais difícil conseguir a MP do que a MM.

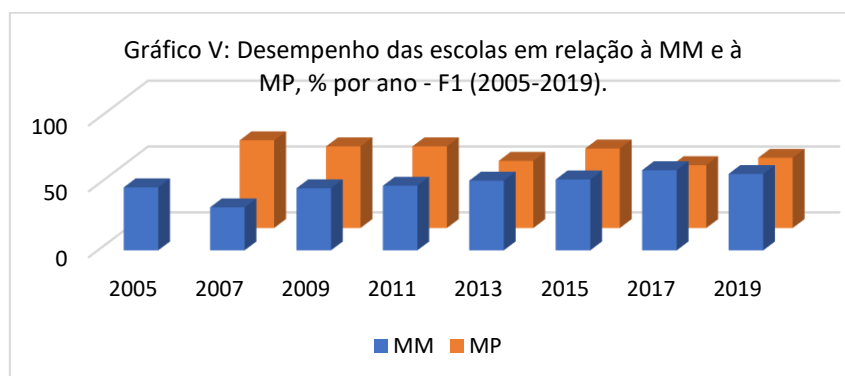
A condição ótima é termos escolas atingindo a Meta Municipal e sua Própria Meta. São poucas UEs que conseguem conciliar as duas posições. É mais comum o oposto, não se conseguir a MM nem a MP. Normalmente, as UEs conseguem sucesso ora em uma, ora em outra posição.

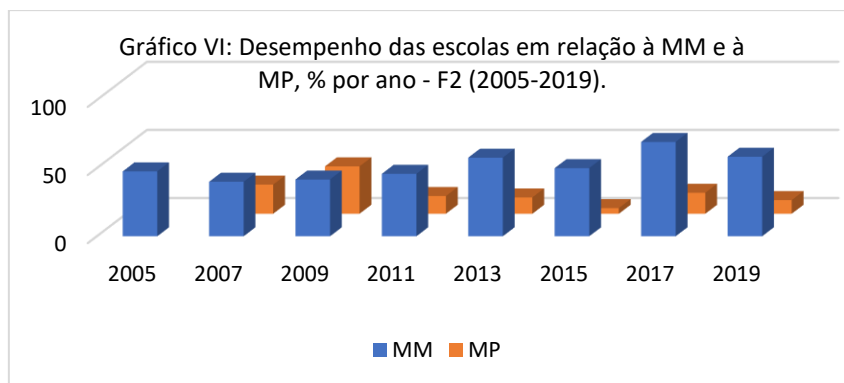
Daremos relevo ainda sobre a questão do F1, salientamos que duas regiões (1, 8 10 e 12) não conseguem 50% de aproveitamento na MM (a região 10 e 12 passam pouco dos 50) e ficam muito baixas na MP. Como já destacamos, a região 7 não conseguiu em nenhum ano, em nenhuma escola, obter um resultado superior à média. A região 2 obteve 48,3% da MM e 75 na MP (duas realidades bem distintas). Nas pontas ou nos extremos, vamos encontrar a região 4 (melhor resultado da MM com 89,7%) e 61,9 de MP. As regiões 7 e 11, respectivamente, guardam grandes distâncias entre os resultados da MM e MP, a saber: a região 7 (MM 18,5 e MP de 18,5%) e o mesmo ocorrendo com a região 11 (74,1 e 23%).

⁶ Ainda que tenhamos a Região 13 – Rural, optamos em não apresentá-la em razão de não ter resultados de avaliação do Ideb.



Efetuada as análises das regiões em relação ao desempenho da MM e MP do F1, passamos agora para a análise em relação aos anos. No F1 vamos olhar tanto o desempenho das escolas em relação MM e MP: o ano de 2007 com o pior resultado (32,6) e 2017 com o melhor (66%). No caso da MP, temos o ano de 2017 (47,7%) como pior desempenho e o ano de 2007 como o melhor (66,6%). E para o F2, em relação à MM, o ano de 2007 com o pior resultado (40%) e 2017 como o melhor (69,2). No caso da MP, temos 2015 (4,1%) como pior desempenho e o ano de 2009 como o melhor (34,7%).





1.3 As árvores (F1/F2):

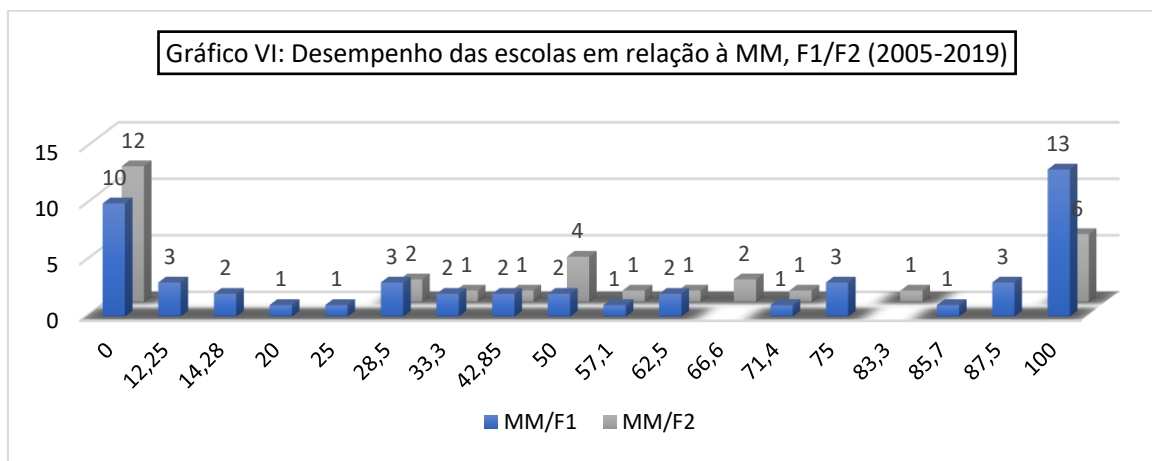
Na tabela 3, é possível observar o desempenho de cada UE e, assim, verificar o resultado comparativo ao conjunto da cidade. O resultado em relação à Meta Municipal (MM) e Meta Própria (MP) gerou em um código e, com o mesmo, nos foi possível uma certa “classificação” das escolas, correlacionando desempenho da MM com MP e vice-versa: ver as colunas 1 e 2 da Tabela 5.

Tabela 5: Desempenho das escolas por região MM x MP, F1/2 (2005-2019):

R1	Coluna 1	Coluna 2	R4	Coluna 1	Coluna 2	R7	Coluna 1	Coluna 2	R11	Coluna 1	Coluna 2
F1	ACO 2625	ACO 2526	F1	AATF 11 00	AATF 0011	F1	JMS 0870	JMS 7008	F1	EG 1707	EG 0717
F1	ACS 0752	ACS 5307	F2	AATF 4232	AATF3242	F2	JMS 0101	JMS 0101	F2	EG 3406	EG 0634
F2	ACS 0614	ACS 1406	F1	FS 8070	FS 7080	F1	MAT 0403	MAT 0304	F1	OML 7024	OML 2470
F1	HS 7051	HS 5170	F2	FS 0100	FS 0001	F2	MAT 0715	MAT 1507	F1	PV 8034	PV 3480
F2	JPS 0770	JPS 7007	F1	MMS 8025	MMS 2580	F1	SJC 2450	SJC 5024	F1	RP 7015	RP 1570
F1	ML 0843	ML 4308	F2	MMS 7060	MMS 6070	F1	SJ 3433	SJ 3334	F2	RP 7024	RP 2470
F2	ML 0614	ML 1406	F1	MP 6151	MP 5161	R8	Coluna 1	Coluna 2	R12	Coluna 1	Coluna 2
F1	PGRM 0834	PGRM 3408	F1	MRC 5325	MRC 2553	F1	APC 0825	APC 2508	F1	HVS 1660	HVS 6016
F2	PGRM 0706	PGRM 0607	F1	NG 8061	NG 6180	F2	APC 4306	APC 0643	F2	HVS 5343	HVS 4353
R2	Coluna 1	Coluna 2	F1	SD 8042	SD 4280	F1	PAL 1743	PAL 4317	F1	Ren 0816	Ren 1608
F1	AMO 0870	AMO 7008	F2	SD 7024	SD 2470	F1	TPL 1221	TPL 2112	F2	Ren 2506	Ren 0625
F1	LPN 7161	LPN 6171	F2	TSM 4250	TSM 5042	R9	Coluna 1	Coluna 2	F1	SRS 8016	SRS 1680
F2	LPN 0100	LPN 0001	R5	Coluna 1	Coluna 2	F1	CAZ 3442	CAZ 4234	F2	SRS 3011	SRS 1130
F1	MGC 2516	MGC 1625	F1	IG 8061	IG 6180	F1	OR 4461	OR 6144	F1	TAM 6270	TAM 7062
F2	MGC 0504	MGC 0405	F1	JGS 8070	JGS 7080	F1	VAB 0605	VAB 0506	F2	TAM 0210	TAM 1002
F1	VRG 6270	VRG 7062	F1	OC 4506	OC 0645	F2	VAB 2222	VAB 2222	F1	VC 6257	VC 5762
R3	Coluna 1	Coluna 2	F2	OC 6023	OC 2360	F1	VFS 7161	VFS 6171	F2	VC 0101	VC 0101
F1	AAr 8025	AAr 2580	R6	Coluna 1	Coluna 2	R10	Coluna 1	Coluna 2			
F1	LGL 2540	LGL 4025	F1	AAs 5334	AAs 3453	F1	AZ 2441	AZ 4124			
F1	TRF 1432	TRF 3214	F2	Aas 1102	AAs 0211	F2	AZ 5105	AZ 0551			
F2	TRF 2432	TRF 3224	F1	AS 6216	AS 1662	F1	AJN 085 2	AJN 5208			
			F2	AS 7006	AS 0670	F2	AJN 3305	AJN 0533			
			F1	JSN 5260	JSN 6052	F1	DFV 4351	DFV 5143			
			F1	CL 3011	CL 1130	F2	DFV 0101	DFV 0101			
			F2	CL 5215	CL 1552	F1	EBCS 1606	EBCS 0616			
			F2	VC 0101	VC 0101	F2	EBCS 3305	EBCS 0533			
						F1	HMC 7116	HMC 1671			

						F1	LP 1760	LP 6017			
						F2	LP 2524	LP 2425			

De acordo com a *coluna 1 - RMM F1* (o coeficiente da Meta Municipal correlacionado com a desenvoltura da Meta Própria, ver gráfico abaixo), 13 Emef's tiveram 100% de aproveitamento em sua participação quanto a MM, a saber: CL, RP, OML, HS, SRS, AAr, MMS, MMS, MM, SD, IG, NG, FS e JGS. Com 85,7% de aproveitamento ou mais, temos 4 UEs. Para o F2, 6 Emef's tiveram 100% aproveitamento em sua participação em relação à MM, a saber: SRS, OC, AS, RP, MMS e SD. De outro lado, ainda sobre o F1, temos 10 escolas que não conseguiram, em nenhuma vez, atingir a Meta do Município. Para fechar o primeiro quartil, ainda temos as Emef's: EG, PAL, LP, EBCS, HVS, TRF e ACO. O primeiro quartil soma 17 escolas, de outro lado temos o último quartil, com iguais, 17 UEs. Para efeito de “desempate”, correlacionamos com o desempenho da sua MP.

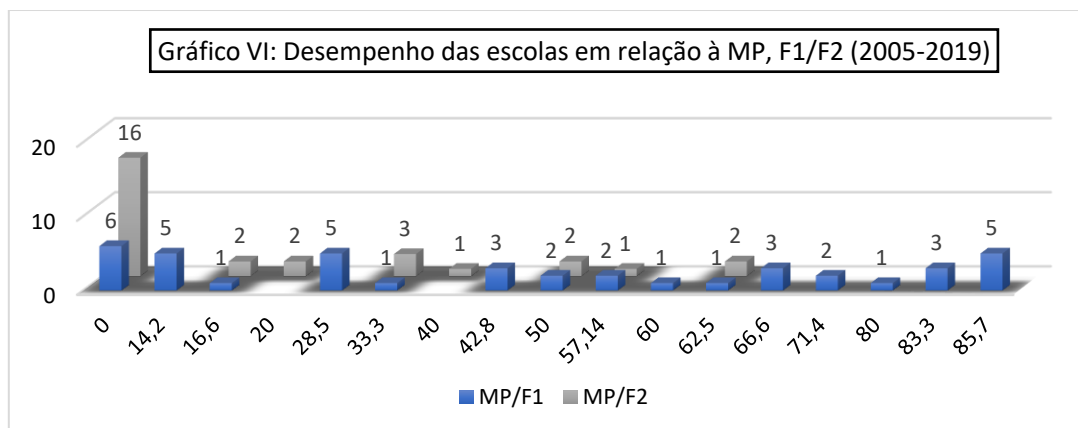


Agora, veremos a *coluna 2 do F1*, que nos apresenta o coeficiente da Meta Própria correlacionada com a Meta Municipal. Seis escolas não conseguem atingir a MP em nenhum ano da aplicação do Ideb, a saber: MAT, AATF VAB, EBCV, EG e OC. Dessas 6 UEs, 5 delas também não conseguem nenhuma vez a Meta Municipal, são elas: MAT, JMS, ACS, ML e PGRM. As escolas que atingem até o primeiro quartil de aproveitamento (até 25%) são: Ren, MGC, MGC, AS, RP, HMC e SRS. Sobre o aproveitamento da meta da própria por escola, temos um total de 12 escolas que não atingem e ou se limitam ao primeiro quartil.

Em relação ao F2, temos 16 escolas que não conseguem atingir a MP em nenhum ano da aplicação da avaliação do Ideb, a saber: FS, LPN, DFV, JMS, VC, AAs, MGC, AJN, AZ, PGRM, Ren, EG, APC, AS e MMS. Dessas 16 UEs, 4 delas também não conseguem nenhuma vez a Meta Municipal, são elas: MGC, PGRM, JPS e ML. As escolas que atingem até o primeiro quartil de aproveitamento (até 25%) são: com 16,6 (MAT e CL) e com 20% (ACS e ML). Em termos de aproveitamento em relação à Meta Própria por escola, temos um total de 20 escolas que não atingem a sua Meta Própria e ou se limitam ao primeiro quartil. Pasmem! Quase 80% das escolas da rede não conseguem ou ficam igual ou abaixo de $\frac{1}{4}$ de aproveitamento em relação a sua MP.

Os dados do primeiro quartil são preocupantes e não muito melhor é a situação do último quartil do F1, pois encontramos 13 escolas com 100% de aproveitamento; Com 83,3%, temos: HVS, ASC, SJC, OR, LPN, HC, IG e CV e para terminar o último quartil temos: MP e LGL (com 80%). O último quartil tem como soma 20 UEs (39,2%) o que sugere que é mais fácil para o F1 atingir a Meta Própria do que a Meta Municipal em observação dos extremos, ou seja, do primeiro e último quartil.

Nesse aspecto, para o F2, não foi diferente, ao contrário, é altamente preocupante e, não muito melhor é a situação do último quartil, pois encontramos 3 escolas com 100% de aproveitamento, a saber: TAN, TSM e JPS. O último quartil não tem nenhuma UE o que sugere que é mais fácil para o F1, da PMC, atingir a MM do que a MP em observância dos extremos, ou seja, do primeiro e último quartil. Se ampliássemos o olhar para o último terço, no caso do F1, teríamos o acréscimo de apenas 2 escolas, a situação continua altamente preocupante.



Pesquisas e Inovações em Ciências Humanas e Sociais: Produções Científicas Multidisciplinares no Século XXI, Volume 2

Por fim, a análise da Tabela 6: 20% “melhores e piores” resultados das unidades de ensino, F1/F2 (2005-2019) nos permite observar a posição das UEs em relação ao seu desempenho entre os 20% “melhores e piores” resultados. As escolas que aparecem três vezes ou mais com suas respectivas pontuações será a base de nossa síntese para análise final⁷. Faces da mesma cidade que expressam realidades *socioeconômicas e educacionais* bem gritantes.

Tabela 6: 20% das escolas com “melhores” e “piores” resultados:

	2005		2007		2009		2011		2013		2015		2017		2019	
	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2	F1	F2
1º	MMS	AATF	CL	OC	FS	CL	JGS	SD	FS	MMS	FS	SD	FS	AAs	JGS	SD
2º	SRS	MMS	FS	MMS	MMS	MMS	JSN	CL	SD	RP	JGS	SRS	PV	CL	PV	HVS
3º	SD	AS	MP	RP	SRS	RP	HS	RP	NG	SRS	HS	OC	HS	MMS	FS	AAs
4º	CL	AZ	MMS	CL	NG	OC	SD	MMS	JGS	CL	JSN	AJN	JGS		SD	TSM
5º	HMC	SD	SD	AATF	HS	SD	FS	AZ	PV	SD	MMS	EBCS	JPR		NG	
6º	NG	RP	PV	EBCS	JGS		HMC		JSN	HVS	NG	MMS	AAs		AAR	
7º	PV		VFS	AS	JSN		MMS		MMS		RP		JSN		HS	
8º	AAs		JGS	SD	CL		NG		VFS		SD		NG		MP	
9º	OML		NG		MP		PV		VC		OML		VFS		OML	
10	VFS		RP		VC		VFS		RP		VFS		AAR		CAV	
11					OML		AAs		HS		IG		CRB			
							OR									
	3.8	3.4	4.2	3.2	4.4	3.4	4.6	3.2	4.9	3.3	5.2	3.7	5.3	3.8	5.6	4.0
14															VFS	
13	AMO		APC				AZ		LGL						SJ	
12	GRB		PGRM				PM		OC						JMS	
11	HVS		HVS		ACO		AMO		ACO		HVS				AJN	
10	JMS		MAT		EM		MAT		VAB		EG		AJN		ACO	
9º	JSN		AZ		MGC		EG		PAL		PGRM		ACO		JZ	
8º	Ren		SJC	VC	APC		ML		HVS	LP	AJN		EG		AAs	
7º	SJ		ACS	EM	MAT		LP		TPL	PGRM	EM		MGC		VAB	
6º	TAN		GRB	LP	EG	JPS	GRB	HVS	AZ	MGC	MGC	MGC	Ren		PGRM	
5º	LP	Ren	Ren	LPN	LP	Ren	MGC	EM	ML	JPS	TRF	JPS	PAL		MCL	
4º	PM	LP	EG	TAN	HVS	AJN	ACS	ACS	APC	EBCS	ML	ACS	ACS		APC	
3º	EM	ML	LP	Ren	TRF	EM	PGRM	ML	AJN	MAT	APC	Ren	ML	ACS	Ren	VFS
2º	ACS	HVS	ML	FS	Ren	TRF	Ren	JPS	EBCS	ACS	ACS	EM	APC	JPS	PAL	EBCS
1º	ML	TAN	EM	JMS	ML	APC	TPL	Ren	ACS	ML	Ren	PGRM	PGRM	PGRM	ML	APC

O que até o presente momento não nos foi mostrado, e que somente pela nossa

⁷

pesquisa é possível REVELAR, é que, levando em conta a região/lugar em que as escolas se encontram, estamos diante de um “*apartheid* educacional”. Com esse propósito, construímos a Tabela 7: posicionamento dos 20% “melhores e piores” resultados das UEs, por região, F1/F2 (2005-2019), onde nos é possível encontrar os “melhores” e “piores” resultados, as regiões em que se encontram e possíveis distinções. O resultado das análises que efetuamos do Ideb nas escolas da PMC, em relação ao F1 e F2, EVIDENCIA-SE uma separação territorial/geográfica e, também, socioeconômica. A tabela abaixo será um esforço em traduzir os resultados dos 20% “melhores e piores” do Ideb das escolas da PMC, F1/F2 baseado no InSe⁸ de 2013 e 2015.

Tabela 7 - 20% "melhores e piores" resultados do Ideb com relação do InSe, F1 e F2 (2005-19):

Reg.		20% “piores” (> 3)	20% “melhores” (>3)	InSe 13			InSe 15		
				M	MA	A	G3	G4	G5
01	F1	ML-8, ACS-5, PGRM-5	HS-6	4	1		4		
	F2	ML-3, ACS-4, PGRM-3 e JPS-5							
02	1	MGC-5		1	3		2	1	
	2								
03	1	TRF-4		1	2		2	1	
	2								
04	1		MP-3, FS-7, MMS-6, NG-8 e SD-6		7	1	1	4	1
	2		AATF-3 MMS-7, SD-7						
05	1		JGS-7		2	1		3	
	2		OC-3						
06	1		JSN-5, CL-3, AAs-3		4		1	3	
	2		AS-6 e CL-5						
07	1	MAT-3, CRB-3		3	1		4	1	
	2								
08	1	APC-3 e PAL-3		3			1		
	2								
09	1		VFS-6		3		1		
	2								
10	1	LP-4, AJN-4 e AZ-3		4	2		3	1	
	2	LP-3							
11	1	EG-6	RP-3, PV-6 e OML-4	1	3		2	2	
	2		RP-5						
12	1	Ren-7		2	2		3	1	
	2	Ren-5							
Tot.		F1 (>4) = 07 F2 (>4) = 02	F1 (>4) = 09 F2 (>4) = 05	17	30	2	24	17	1

Poderíamos usar o IDH de municípios e ou os dados do IBGE sobre as condições socioeconômicas de Cariacica e seus bairros, contudo nos apoiamos no InSe/Inep dos

⁸ Estamos utilizando a sigla *InSe* para o que o Inep chama de *Índice Socioeconômico das escolas*. É resultado dos questionários respondidos pelas crianças e familiares no ato da aplicação dos testes do Ideb.

anos de 2013 e 2015. Assim, nas Regiões 4, 5, 6, e 11, foram encontrados os “melhores resultados” do Ideb (exceto para uma escola, do F1, da região 11) onde também estão as comunidades escolares com os *InSe* mais elevados, tanto em relação ao F1 e ou F2⁹. Para o F1 e F2, observa-se que, nas referidas regiões (para o *InSe*/13), não encontramos escolas com comunidades escolares na classificação M(Médio) e as únicas duas unidades na classificação A(Alto) encontram-se exatamente nesse grupo de regiões, em especial nas regiões 4 e 5, e no caso do F2, em especial, nessas duas regiões.

Numa rápida olhada para as diferenças entre o *InSe* de 2013 e 2015, além da nomenclatura (M, MA e A para G3, 4 e 5), salta aos olhos uma certa dificuldade ou maior exigência na classificação, então vejamos: no *InSe* de 2013 o M (34,6), MA (61,2) e A (4,0) e para o *InSe* de 2015 G3(57,1), 4(40,4) e 5(2,3). As mesmas escolas passam a ter classificação distintas, onde os percentuais afloram tal distinção: se podemos acreditar em uma “equivalência” na nomenclatura o M - 34,6 (2013), em 2015 o G3 abarca 57,14% das unidades, ficando com a maioria absoluta da representação, enquanto que a maioria da amostragem, em 2013, localizava-se na condição MA (Médio Alto).

Olhando para o *InSe* de 2015 do F1/F2, teremos as regiões acima citadas (Regiões 4, 5 e 6) também em posição de destaque, pois, das 14 unidades lá presentes, 10 são do G4 e a única unidade no G5 da cidade pertence à mesma. No ano de 2015, a PMC apresentava 17 escolas no G4 e, destas, 10 são, como já destacamos, das regiões em tela (58,8% das UEs da cidade). Os bairros dessas regiões parecem constituir uma cidade à parte, ou seja, os seus resultados do Ideb encontram-se muito acima da média, o que ao nosso ver revela a distinção socioeconômica, como determinante para a “superioridade dos resultados educacionais”

As regiões 1 e 11, no F1, apresentam uma oscilação que encontra os opostos, pois, em posições diferentes, encontram-se nos dois mundos (os melhores e piores resultados). Apresentando resultados bem díspares são reveladoras dessa desigualdade: a região 1 com três unidades entre os piores resultados [ML-8, ACS-5, PGRM-5] e uma entre os melhores [HS-6] encontra um certo oposto na região 11: uma unidade entre os piores [EG-6] e três entre os melhores [RP-3, PV-6 e OML-4]. Mera coincidência?! Não. Se

⁹ Já encontramos em outro lugar a mesma relação, em estudo similar feito por nós na cidade de Vitória, a saber: de certo modo as condições socioeconômicas “impõem” o resultado do Ideb (para o “bem ou para o mal”).

olharmos as condições socioeconômicas das escolas e regiões veremos que os resultados são de certo modo “contaminados” pelo lugar, então vejamos:

a) A região 1, com três unidades entre os piores resultados, apresenta o InSe de 2013 com 4 Emef M, 1 MA e nenhuma na classificação A e, no caso do InSe de 2015, as 4 unidades que se apresentaram são do G3, ou seja, as baixas condições socioeconômicas, de certo modo, influenciaram o resultado.

b) De outro lado, na região 11, observamos uma melhora considerada dos resultados do Ideb, quase o oposto da região 1, associados às condições socioeconômicas mais elevadas. Assim, observamos o InSe de 2013 com 1 Emef (M), 3 (MA) e nenhuma na classificação (A), e no caso do InSe/15, as 2 unidades G3 e 2 no G4 e nenhuma no G5.

Aqui se evidencia um fato que observamos na pesquisa de origem “A ilha e ornitorrinco”: se a cidade é portadora de uma estratificação, essa mesma situação, é observada no interior de uma região (em muitos casos, também, no interior do mesmo bairro). Digno de nota e reveladora de uma contradição profunda seria o fato de uma mesma escola ter resultados ocupando os dois mundos (estar entre os 20% melhores e piores resultados). De acordo com os municípios que já tivemos a oportunidade de observar os resultados essa é uma possibilidade, pequena, mas possível de ocorrer.

É verdade que encontramos regiões que contemplam um bom resultado entre os 20% melhores e que outras oscilam a posição nos dois mundos, com predomínio de um ou outro. No caso das regiões 2, 3, 7, 8, 10 e 12, para o ano de 2013, observamos que seriam os “primos pobres”, no caso do F1, apresentando os piores resultados e que também são portadores das piores condições socioeconômicas, vejamos:

a) em relação ao InSe/13, das 17 escolas do nível mais baixo da escala do Inep, 14 são dessas regiões (82,3% das unidades) e das 30 do MA, 33,3% são pertencentes a essas regiões.

b) a situação não é diferente no InSe de 2015, onde das 24 unidades no G3, 15 (62,5%) delas são das regiões em tela e 29,4% são do G4.

Nenhuma escola das regiões mencionadas é portadora de InSe mais elaborado. Aqui chegamos a uma péssima conclusão: as escolas e regiões com mais baixo InSe (condições econômicas) são reveladoras dos “piores” resultados no Ideb e o mesmo podemos dizer para o seu oposto: as escolas com alto InSe vêm acompanhadas dos

“melhores” resultados. Como argumentamos anteriormente, o lugar (lugar social, econômico, cultural) em que a escola se encontra “impõe um tipo de resultado.

A região 12 encontramos a Emef Ren, numa posição bem cristalizada (de 8 edições do Ideb, encontra-se entre os 20% piores resultados em 7 edições para o F1 e, 7 edições, no F2. O que acontece com a Emef Ren, infelizmente não exclusividade da mesma, em outras UEs registra-se situação idêntica, a região 1 vive essa situação de forma ainda mais acentuada: as Emefs ML-8, ACS-5, PGRM-5 ocupam os piores resultados do F1 e infelizmente repetem essa situação no F2: ML-3, ACS-4, PGRM-3. Na região 10, também ocorre com a Emef LP. Na outra ponta, entre os 20% melhores resultados, essa situação se repete, na região 4: MMS-6 e SD-6 (resultados do F1) e repetem essa desenvoltura no F2. Nas regiões 6 e 11, temos as Emefs CL e RP que, respectivamente, ocupam “boas” posições no F1 e F2.

As regiões 1, 2, 3 e 7 apresentam resultados bem consolidados e reveladores de uma desigualdade singular, a saber: em relação ao InSe de 2013, 52.9% das Emefs (M) da PMC estão nessas regiões, bem como 23,3% das Emefs (MA), contra 34.6 e 61.2%, do conjunto da cidade, respectivamente. O mesmo podemos destacar em relação ao InSe de 2015: 50% das escolas G3 e 17,6% das G4 encontram-se nas referidas regiões. Se existe uma certa desigualdade distribuída ao longo da cidade, nessas regiões elas são concentradas em abundância.

Saindo da visão geral sobre as regiões e o InSe/Inep, adentraremos em relação aos resultados do F2, realçamos que: a *Região 1*, com 4 unidades entre os piores resultados [ML (3), ACS (4), PGRM (3) e JPS (5)], acreditamos estarmos diante do “PIOR” resultado sobre regiões, ou seja, são 4 unidades que no mínimo 1(uma) esteve 4 vezes entre os piores resultados, 2 estiveram 3 vezes entre os piores resultados e uma, JPS, ocupou os piores resultados em todas as edições do Ideb, se igualando com a Ren-5.

Uma tentativa de conclusão:

O resultado de nossa pesquisa, tendo como base números oficiais das avaliações do Ideb, sugere e ao mesmo tempo nos impõe uma conclusão: as escolas e regiões com mais baixo InSe (condições socioeconômicas) são portadoras dos “piores” resultados no Ideb e o mesmo podemos dizer para o seu oposto: as escolas com alto InSe

vêm acompanhadas dos “melhores” resultados. Brooke e Soares (2008: 9-105)¹⁰ nos apresentam uma coletânea de textos de autores renomados que tratam dessa questão, na Seção 1, “*A escola Não faz a diferença*”, os textos e autores argumentam que a escola sofre as contradições e consequências das distintas condições socioeconômicas e culturais em que se encontra. Carlo *apud* Freitas (2018) nos diz que:

(...) no cenário geral (da pesquisa), cerca de 60% dos resultados do desempenho são aplicados pelas características básicas dos estudantes e da família (a maioria não é observável, mas provavelmente pertence à variável renda/pobreza). Os fatores de escolaridade observáveis e inobserváveis explicam cerca de 20%, sendo a maior parte (10-15%) efeito do professor. O resto da variação (cerca de 20%) é inexplicável (erro). Em outras palavras, embora as estimativas precisas variem, a preponderância das evidências mostra que as diferenças de desempenho entre os estudantes são predominantemente atribuíveis a fatores fora das escolas e das salas de aula (...). Agora, para ser claro: isso não significa que os professores não sejam realmente importantes (...). (CARLO *apud* FREITAS, 2018, p. 38).

Entre a maquiagem da fábula do Ideb e sua face perversa, Diane Ravitch nos adverte para:

Ela poderia até mesmo comprometer as escolas públicas removendo os melhores estudantes das escolas mais pobres. Eu também estava preocupada que a responsabilização, agora um senso comum que todos aplaudiam, havia se tornado mecanicista e até mesmo contrária à boa educação. A testagem, percebi com desgosto, havia se tornado uma preocupação central nas escolas e não apenas uma mensuração, mas num fim em si mesmo. Eu comecei a acreditar que a responsabilização, conforme estava escrito na lei federal, não estava elevando os padrões, mas imbecilizando as escolas conforme os estados e distritos lutavam para atingir metas irrealistas (RAVITCH, 2011, p. 27-28).

Somos aqui, com as duas citações, obrigados a concluir com a lembrança de que o passo seguinte é observar que os fatores (internos e externos) influenciam nos resultados apresentados. Chama atenção para o que consideramos como a “*lógica do Ideb*”: ela influencia o interior escolar, a rotina escolar, que vai desde ações “isoladas” de pais e mães, passando por alunos até chegar aos professores e equipes pedagógicas e, não podemos esquecer, que chega até às Secretarias de Educação e por elas são promovidos (com ranqueamentos de escolas, estudantes e professores e toda perversidade) e Governos (ver SAE do Governo Federal).

Lembramos a indagação inicial: o que o Ideb quer esconder ou o que não pode revelar: estaria apenas refletindo as diferenças sociais e, ou, em que medida contribui para alimentar uma concorrência entre as escolas, entre os estudantes e famílias, dilatando as diferenças “escolares” e sociais? Ao contrário, o Ideb incrementa uma competição

¹⁰ Livro organizado com título “Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias” com profundas reflexões sobre a questão e o título da seção 1 é desafiadora/provocadora da questão: A escola não faz a diferença.

educacional que dilata as desigualdades sociais¹¹: os pais e estudantes procuram as “ditas melhores escolas”, largando à própria sorte as escolas “mal avaliadas”. Analisamos as florestas (nível municipal), os bosques (as regiões) e encontramos as árvores (nas escolas), uma questão de escala. A pesquisa nos conduziu a um método e, por sua vez, o método nos conduziu a uma premissa: o lugar, em suas múltiplas dimensões socioeconômicas e culturais, em que a escola se encontra, a sua comunidade local e escolar, expressando sempre tensões e movimentos, impõem o resultado do Ideb, bem como a correlação entre MM e MP constitui a bussola que nos orientou.

O caminho percorrido até o momento da pesquisa e Diante do desafio que nos foram impostos, olhar os resultados de toda uma rede municipal, na sua oferta do F1 e F2, precisamos perguntar se a oferta estadual do EF e Médio expressará a mesma DUALIDADE denunciada nos resultados analisados por nossa pesquisa? Com um elemento adicional: a rede estadual do ES tem adotado a política de bonificação e entendemos que a mesma só tem servido a otimização e exacerbação da dualidade denunciada por nossa pesquisa, diferente do que prega o discurso oficial. Que venha o estudo do Ideb da Rede estadual!!!

REFERÊNCIAS

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Resultados Ideb**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/web/guest/educacao-basica/ideb/resultados>>. Acessado em: 05 jan. 2020.

BROOKE, N. SOARES, J. F. (Org). **Pesquisa em eficácia escolar: origens e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. Coleção Educação e Pedagogia 1ª ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LAVAL, Chistian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução de Mariana Echalar, 1ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.

RAVITCH, Diane. **Vida e morte do grande sistema escolar americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação**. 1ª ed. – Rio Grande do Sul: Sulinas, 2011.

¹¹ Luiz Carlos de Freitas nos lembra que é exatamente nesse aspecto que os reformadores liberais e seus arautos encontram a qualidade e excelência na educação.